

PEDAGOGIAS DA PODRIDÃO: QUANDO A VIRTUDE ABANDONA A CARNE

Matheus Pereira de Freitas (UFPB)

Orientador: Hermano de França Rodrigues (Doutor em Letras/UFPB)

Resumo: Em 1905, o psicanalista Sigmund Freud publica, o seu irreverente estudo, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Nesse estudo, Freud irá traçar a trajetória sexual dos infantes, os quais apresentam uma potencialidade perversa-polimorfa em sua fase pré-genital, ou seja, as zonas genitais não assumiram o papel predominante na sexualidade do indivíduo. O presente artigo tem como objetivo utilizar-se do aparato teórico oriundo da psicanálise para analisar uma das obras literárias mais icônicas da libertinagem, *Filosofia na Alcova*, do Marquês de Sade, referência da literatura erótica/pornográfica francesa. Pretendemos, dessa forma, investigar o esporrar boêmio dessa personagem recém-libertina.

Palavras-chave: Literatura, Psicanálise, Sade.

INTRODUÇÃO

Nos escombros da subjetividade humana, deparamo-nos com vestígios de uma sexualidade infantil, que é imperiosamente ressoante na sexualidade adulta. A teoria psicanalítica vislumbra esses espectros da psique humana desde os seus primórdios. Fora Sigmund Freud (1905), que tecera essa linhagem sexual do sujeito, este que é preso em si mesmo. O pai da psicanálise fora, antes de mais nada, um leitor insaciável. Em várias de suas obras, vislumbram o diálogo entre a psicanálise e a literatura, tais quais: *O Inquietante* (1919); *A Gradiva de Jensen* (1906); *Além do Princípio do Prazer* (1920)¹. Traçando mais uma vez esse diálogo entre a ciência freudiana e a arte da palavra, analisaremos a obra do ilustre escritor francês o Marquês de Sade (1740 a 1814), com sua obra *Filosofia na Alcova* (1795).

O trabalho terá como objetivo analisar os arranjos e espectros da sexualidade libertina, vislumbrando a manifestação latente da *pulsão de morte*, teorizada por Sigmund Freud (1920). Busquemos esclarecer, diante mão, que estaremos diante de um viés sexual inerentemente humano. São os pronunciamentos de práticas arcaicas, reprimidas nas portas intermináveis do inconsciente, mas que buscam a sua revelia. Destarte, utilizaremos, além da teoria freudiana, considerações da psicanálise moderna, bem como os estudos da ilustre pesquisadora do universo sadiano, Eliane Roberts Moraes. Com

¹ Refiro-me ao comentário e breve análise da epopeia romântica, *Jerusalém libertada* (1581) de Tasso;

intuito de contextualizar a esfera do interdito e de suas transgressões, tal como, investigar as origens da ciência psicanalítica, contornamos a pesquisa com um subsídio teórico.

Destarte, ratificamos o diálogo entre literatura e psicanálise com o teórico Jean Bellemin-Nöel. Em sua obra, *Psicanálise e Literatura* (1979), o estudioso da psicanálise dedica seu estudo para a: “finalidade da investigação que torna-se então esta: descrever os princípios e o leque de meios que a psicanálise colocou à nossa disposição para nos ler melhor a literatura.” (BELLEMIN-NÖEL, 1979).

ENTRELAÇAMENTOS DO INTERDITO

O sexo é inerente ao ser humano e, conseqüentemente, acompanha-o desde a aurora da civilização. No Paleolítico, a Vênus de Willendorf² fora talhada e esculpida à imagem da fertilidade e sensualidade. Na Grécia Antiga, o culto a Baco era um torpor de orgias e vinhos; o sexo era necessariamente ritualístico. Todavia, com o advento do Cristianismo e sua dissipação territorial, o sexo fora restringindo à procriação, *crescei e multiplicai-vos* é o aforismo bíblico, mas sobre às rédeas e prerrogativas do casamento.

No século XVII, após o Concílio de Trento, o sacramento da confissão fora disseminado com veemência. Em *História da Sexualidade* (1984), Michel Foucault aponta como essa prática, originalmente monástica, converte-se num discurso sexual e impele uma descrição minuciosa do ato, a fim de que a moral atingisse a privacidade do sujeito pelo crivo da palavra. O filósofo destaca: “não somente confessar os atos contrários à lei, mas procurar fazer de seu desejo, um discurso [...]. A pastoral cristã inscreveu, como dever fundamental, a tarefa de fazer passar tudo pelo crivo interminável da palavra” (FOUCAULT, 1976, p.27). Apesar da repressão veemente, é no século seguinte que a literatura sadiana surgirá. Mesmo sobre os grilhões da bastilha e de outros cárceres, Sade consagra-nos com uma literatura luxuriosa e libertina, trazendo para a ordem do discurso as mais variadas práticas e requintes que o gozo blasfemo pode proporcionar. Nas palavras de Georges Bataille, para Sade, “a vida era, a procura do prazer; e o prazer era proporcional à destruição da vida”; na escritura do Marquês, o sexo reivindica seu valor subjetivo e identitário, subvertendo as barreiras morais e religiosas de sua época.

No século XVIII, a interdição do discurso e práticas sexuais se dará por outra vertente. Foucault (1984) aponta para uma Polícia do sexo, um discurso social e político

² Estatueta feminina data em 28 000 e 25 000 anos antes de Cristo;

que impõe ao sexo uma *utilidade*³, seja para procriação, por um estado de saúde ou mesmo para a análise de dados. Todavia, um paralelo pode ser traçado a partir das práticas utilitárias. Fora a primeira vez que uma população, de maneira constante, inferiu que seu futuro e fortuna estavam ligados com a maneira como cada qual usa seu sexo⁴. Um outro ponto interessante abordado por Foucault (1984), nesse período, é como as instituições de ensino infantil regulavam a sexualidade dos infantes pelo silêncio, pelas disposições e construções arquitetônicas das salas e corredores. Começara-se a partir desses moduladores, uma preocupação pública com a intimidade dos infantes. Com efeito, professores, familiares, médicos e pedagogos se dispuseram a impor uma série de preceitos, valores e pareceres. Entretanto, outro cenário era vivenciado por Saltzmann⁵ (1776), em seu pensamento sobre a educação e sua relação com a sexualidade infantil. Para o autor, a criança não seria meramente um espectador de sua subjetividade, por isso: “impunha-se lhe um certo discurso razoável, limitado, canônico e verdadeiro sobre o sexo – uma espécie de ortopedia discursiva” (FOUCAULT, 1976, p.35).

A era seguinte ficara marcada pelos grandes avanços científicos. A medicina crescia e difundia uma grande política de “higienização” social e individual, conseqüentemente, o sexo deveria ser reflexo desses preceitos. O sexo higiênico tornara-se uma prerrogativa médica e moralmente aceita. A família burguesa deveria ser preservada de qualquer tipo de *degradação*, e, para tanto, erigiu-se uma verdadeira crença na centralização do genital. A psiquiatria preocupara-se em catalogar todo tipo de variação sexual que fugisse dessas prerrogativas estabelecidas, criando uma verdadeira gama de vocábulos e terminologias técnicas, que insinuavam uma deterioração para seus significantes. A terminologia das “perversões sexuais” entra para o vocabulário da psiquiatria, como aponta Ferraz: “As perversões sexuais adentraram o vocabulário da psiquiatria como anomalias ou aberrações da conduta sexual” (FERRAZ, 2000, p.22) Em *Psychopathia sexualis*⁶, de 1866, Richard von Krafft-Ebing afirmara que a existência dos perversos era uma prova indelével da vitória animalesca perante a sociedade. Descrevendo e catalogando uma série

³ História da Sexualidade, Michel Foucault, 1976 p. 31;

⁴ *Ibidi*, p. 32

⁵ Organizador do *Philanthropinum*; “Aí ocorreu a primeira comunhão solene do sexo adolescente com o discurso racional [...]” (*Ibidim*, p. 35)

⁶ Richard von Krafft-Ebing, *Psychopathia sexualis: étude médico-légale à l’usage des médecins et des juristes* (Stuttgart, 1886)

de práticas consideradas desviantes e patológicas, ele escreve um apelo à ciência, a fim de normalizar e resguardar a humanidade de uma *desenvolvimento*.

A psicanálise surgirá a partir desse terreno tortuoso, Sigmund Freud dedicará sua vida e obra para analisar as intempéries e vicissitudes da subjetividade humana. A obra *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, de 1905, fora uma marca para a ciência recém-criada, dentre as considerações e teorizações dos ensaios sobre as reverberações da sexualidade infantil, reeditadas na subjetividade adulta. Freud também aponta para uma descentralização da genitalidade. São os desvios em relação à *meta sexual*. Com isso, o mestre vienense caracteriza o caráter polimorfo da sexualidade humana. Dessa forma, as ditas práticas perversas representam um novo itinerário simbólico. A descentralização genital seria uma travessia neurótica rumo à uma experiência sexual, suas práticas seriam, dessa forma, múltiplas representatividades da subjetividade do homem. Freud (1905) arquitetou um novo discurso do sexo e sua relação intrínseca com a subjetividade do sujeito. A psicanálise torna-se uma ciência capaz de investigar verdadeiros tabus sociais, desmitificando preconceitos e dizeres que foram de encontro com a individualidade expressiva do homem.

Os grilhões de Eros

Em *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), Sigmund Freud discutirá acerca das pulsões [*Trieb*] e seu caráter inato na psique humana. As pulsões comportam-se como potências motrizes, capazes de direcionar a *meta sexual*, ou seja, a ação à qual o instinto impele. O mestre vienense considera como meta sexual normal “a união dos genitais no ato denominado copulação, que leva à resolução da tensão sexual e temporário do arrefecimento do instinto sexual” (FREUD, 1905, p. 40). Todavia, o autor argumenta, em seguida, que, no cenário sexual mais comum, já se nota desvios em relação a essa meta, práticas que, se desenvolvidas, gerariam as perversões, conseqüentemente, as práticas ditas perversas não serão necessariamente patológicas.

As perversões, segundo Freud são: “a) *extensões* anatômicas das áreas do corpo determinadas para a união sexual; b) *permanecimentos* nas relações intermediárias com o objeto sexual⁷” (FREUD, 1905, p. 41) *A utilização da mucosa dos lábios e boca, a utilização do orifício anal*, são exemplos ilustrados pelo pai da psicanálise. A intitulação

⁷ A pessoa da qual vem a atração sexual;

de patologia, referente às perversões, dar-se-á, para Freud, apenas quando o anseio ao *fetichê* se torna a própria meta sexual, desprendendo-se do parceiro que seria o seu objeto sexual. O fetichê torna-se o único objeto sexual, distanciando-se, portanto, das conceituações e generalizações atribuídas para uma sexualidade dita patológica. Freud (1905) abordará a sexualidade como sendo propriamente desviante, procurando, nos escombros da psique, entender e analisar os múltiplos semblantes da subjetivação humana.

Posteriormente, em seu trabalho intitulado *As Pulsões e seus Destinos* (1915), Freud discorrerá acerca da dinâmica das pulsões, na qual a *pulsão libidinal* (sexual), impõe-se inversamente proporcional à pulsão de *autopreservação* do Eu. Dessa forma, há uma incessante batalha de investimento e contra investimento nas relações objetais; já nas práticas sexuais, presenciamos esses movimentos na atividade e passividade, ambas se embrincam. Nesse texto, Freud também percorre o sadomasoquismo, ilustrando como o sujeito, apesar da pulsão de autopreservação atuar a todo momento, consegue encontrar prazer na dor. Segundo Freud: “[...] temos todos os motivos para supor que também as sensações dolorosas, bem como as de desprazer, alcançam a excitação sexual e produzem um estado prazeroso, podendo-se, por isso, aceitar de bom grado o desprazer da dor” (FREUD, 1915, p.39).⁸

Todavia, Freud inovará a sua teoria das pulsões com a obra, *Além do Princípio do Prazer* (1920). Representando um marco para a ciência psicanalista, nesse texto, o mestre vienense ilustra-nos, inicialmente, por meio da análise do comportamento repetitivo das brincadeiras infantis e do retorno ao trauma, vivenciado nos sonhos dos neuróticos obsessivos, uma pulsão imperiosa que leva à repetição. O psicanalista demonstra-nos que: “sentimo-nos encorajados a supor que na vida psíquica há realmente uma compulsão à repetição, que sobrepuja o princípio do prazer [...] Compulsão à repetição e direta satisfação prazerosa do instinto parecem aí entrelaçadas em íntima comunhão” (FREUD, 1920, p.135). Revelando-nos essa pulsão à repetição, o pai da psicanálise chegará a conclusão de que há duas pulsões primordiais e motrizes na psique humana, a *pulsão de vida* (Eros) e a *pulsão de morte* (Thanatos). Dessa forma, a primeira impulsiona à criação,

⁸ Vale ressaltar que neste momento da teoria freudiana, na fantasia sadomasoquista o sadismo antecedia o masoquismo, essa teoria é reforçada na obra, “Batem numa Criança” (1919). Entretanto a teoria é reformulada em 1924, no texto “O Problema Econômico do Masoquismo”. Neste, Freud atribui ao masoquismo o estágio inicial da fantasia;

à produção; em contrapartida, a segunda corresponde a uma força tirânica que impele à destruição e à repetição⁹. Esta ligação vital entre morte e repetição está intimamente ligado à vontade do indivíduo em voltar ao seu estágio inicial de não existência. Freud orquestra este pensamento:

Os instintos orgânicos conservadores acolheram cada uma dessas mudanças impostas ao curso da vida e as preservaram para a repetição, e assim produzem a enganadora impressão de forças que aspiram à transformação e ao progresso, quando apenas tratam de alcançar uma antiga meta por vias antigas e novas [...] Se é lícito aceitarmos, como experiência que não tem exceção, que todo ser vivo morre por razões internas, retorna ao estado inorgânico, então só podemos dizer que o objetivo de toda vida é a morte, e, retrospectivamente, que o inanimado existia antes que o vivente (FREUD, 1920, p.149).

Nesses (des)encontros pulsionais, erguem-se alguns questionamentos, o ato sexual terá como pulsão motriz a vontade de Eros? Ou a força tirânica de Thanatos que impele às fantasias infantis arcaicas, ditarão o desejo? Essas indagações surgem na medida em que nos deparamos com sujeitos que vislumbram a concretude de seus desejos na dor e na destruição objetal. Sigmund Freud (1920) é quem responderá, com maior propriedade, essas questões, apontando, como referência, o comportamento sádico da criança. Para o mestre vienense:

Há muito reconhecemos um componente sádico no instinto [*Trieb*] sexual; ele pode, como sabemos, tornar-se autônomo e, como perversão, dominar toda a tendência sexual da pessoa. Ele também aparece, como instinto parcial dominante, numa das “organizações pré-genitais”, como as denominei. Mas como pode o instinto sádico, que visa a ferir o objeto, ser derivado do Eros conservador da vida? Não cabe supor que esse sadismo é na verdade um instinto de morte que foi empurrado do Eu pela influência da libido narcísica, de modo que surge apenas em relação ao objeto? Então ele entra a serviço da função sexual; no estágio oral da organização da libido, a posse amorosa ainda coincide com a destruição do objeto, depois o instinto sádico se separa e enfim, no estágio da primazia genital, para a finalidade da procriação, assume a função de subjugar o objeto sexual até o ponto exigido para a realização do ato (FREUD, 1920, p.163).

Freud (1915) nos atenta para o início da dinâmica pulsional na infância. Usando a expressão de Ferenczi, o mestre vienense nos explica a relação com os primeiros objetos em que há *introjeção* e a *projeção* de investimentos¹⁰. Atrelado a isso, num primeiro momento do desenvolvimento sexual, a criança detém uma descentralização erógena na

⁹ “[...] inadvertidamente adentramos o porto da filosofia de Schopenhauer, para quem a morte é ‘o autêntico resultado’ e, portanto, o objetivo da vida, enquanto o instinto sexual é a encarnação da vontade de vida” (FREUD, 1920, 160).

¹⁰ “Sob o domínio do princípio de prazer ocorre nele um novo desenvolvimento. Ele toma para si, em seu Eu, os objetos oferecidos, desde que eles sejam fontes de prazer, introjeta-os (de acordo com a expressão de Ferenczi) e, por outro lado, expelle o que dentro dele se torna causa de desprazer” (FREUD, 1915).

zona genital. Dessa maneira, todo o corpo corresponde a uma zona de excitação, a criança é então *poliformicamente perversa*. A prevalência desse estágio da sexualidade infantil, levará a estrutura psíquica do sujeito para a perversão sexual. Todavia, não é este aspecto estrutural que buscamos analisar neste trabalho. Nosso intuito até então fora de analisar a sexualidade humana como sendo necessariamente desviante, em que as dinâmicas pulsionais dançam à revelia dos espectros infantis.

A psicanalista neozelandesa Joyce Mcdougall fará uma leitura em que vislumbra esses questionamentos. Em sua obra *As Múltiplas Faces de Eros* (2001), a autora discute acerca das *neo-sexualidades*¹¹, um conceito que busca separar práticas de natureza desviantes, classificadas como perversas, com sua conotação patológica e pejorativa, de outras que realmente identificamos uma quebra na alteridade e corresponde, de fato, a uma perversão. Para Mcdougall (2001), o que podemos chamar de perversão está intimamente ligado com a quebra da alteridade. Impondo o desejo e uma fantasia a outro que não consentiu (como o estupro, o voyeurismo e a necrofilia) ou que não tem responsabilidade sobre si mesmo (uma criança ou um adulto mentalmente perturbado). Ela conclui:

Talvez, em última análise, só os relacionamentos possam ser adequadamente intitulados perversos; este rótulo se aplicaria então a trocas sexuais nas quais o indivíduo perverso é totalmente indiferente às necessidades e desejos do outro. (MCDUGALL, 2001, p. 192).

Este pensamento *neo-sexual* seria uma forma de entender as mais diversas sexualidades e suas respectivas práticas sexuais, como atestado da individualidade do ser humano e sua imensa capacidade de subjetivação.

A pedagogia da podridão

Na França do século XVIII, o Iluminismo invadira o pensamento burguês. Inflamados pelo discurso rousseaneano, a sociedade francesa clamava por seus direitos. A queda da Bastilha definira o início da Revolução Francesa, um marco para a história mundial, em que a busca pela liberdade, fraternidade e igualdade, constituíam os pilares do discurso. Todavia, uma incoerência imperava nas prerrogativas revolucionárias. Sobre

¹¹“Para enfatizar o caráter inovador e a intensidade dos investimentos envolvidos, refiro-me às heterossexualidades desviantes e às homossexualidades desviantes como “neo-sexualidades” (MCDUGALL, 2001, p. 188).

as grades da Bastilha, jazia Donatien Alphonse, o Marquês de Sade, aprisionado na Bastilha por seus “excessos” de ordem sexual, refletidos em suas obras, consideradas descomedimentos de uma mente libertina. Em seus escritos, o desejo voluptuoso tomara contornos. Os heróis do Marquês correspondiam aos mais vis libertinos, seres incapazes de se saciarem, “‘Plus encore Plus!’ – vive a exclamar o libertino. ‘Plus encore Plus!’ – repete infinitas vezes. Incansável, ele quer sempre ir além, como se não houvesse jamais, em sua trajetória, um ponto de chegada.” (ROBERT, 2015)

Em *Filosofia na Alcova*, novela publicada clandestinamente em 1795, por Sade, este que nos consagra com uma narrativa singular, presenciada na educação libertina da jovem Eugénie, virgem que caíra nas graças de sua amiga Saint-Ange. Os professores da jovem, os irmãos incestuosos, Saint-Ange e Cavaleiro, juntos do ilustre libertino Dolmancé, encarregar-vos-ão de educar a jovem nas delícias da volúpia, para isso, Dolmancé insiste em tirar de Eugénie os preceitos ditosos da moral, cívica e familiar, das virtudes e, principalmente, da religião – essas que, segundo o próprio autor, correspondem as mais vis quimeras do homem. Observamos essa tese já no prefácio da obra, no qual o Marquês dedica aos Libertinos o seguinte: “Moças tanto tempo contidas em laços absurdos e perigosos de uma virtude quimérica e de uma religião nojenta, imitai a ardente Eugénie; destruí, pisoteai tão rapidamente quanto ela todos os ridículos preceitos inculcados por pais imbecis” (SADE, 1795, p.11).

Encaminhados para a alcova, Dolmance e Saint-Ange, a matrona do *boudoir*, irão apresentar a ingênua Eugénie, as prerrogativas ideológicas do prazer libertino¹², além da iniciação dos prazeres sexuais, definindo funções e nomes apropriados que coroam as regiões erógenas e seus mecanismos de êxtase. A jovem aprende desde a função de seu próprio clitóris¹³, até os segredos que prolongam uma ereção masculina. Mas, principalmente, Eugénie é instruída a nunca se espantar com uma fantasia, todas as práticas que regem o prazer devem ser reconhecidas¹⁴. Ademais, as práticas libertinas são

¹² “Parti deste ponto, Eugénie; não há nada horrível em libertinagem porque o que ela inspira também se encontra na natureza. As ações mais extraordinárias e bizarras, as que com mais evidência parecem chocar a todas as leis, todas as instituições humanas (pois o céu nem menciono); não, Eugénie, nem mesmo essas são horríveis, e não há nem uma sequer que não possa ser demonstrada na natureza.” (SADE, 1795, p. 75)

¹³ “Esta lingueta que fica por baixo denomina-se clitóris. Reside aí toda a sensibilidade das mulheres; é o foco de toda a minha.” (Ibid, p. 25)

¹⁴ “EUGÉNIE - Que fantasia extraordinária! / DOLMANCÉ - Não se pode qualificar assim nenhuma, minha cara. Todas estão na natureza. Ao criar os homens, agradou-lhe diferenciar seus gostos como seus rostos.” (Ibid, p.43)

contempladas ao extremo, descentralizando a genitalidade e potencializando as delícias da dinâmica sexual e, conseqüentemente, as possibilidades de gozo. Da teoria, os sujeitos passam à prática do ato. No primeiro momento da narrativa, a dona da alcova será o modelo a ser seguido por Eugénie. Esta mostra-se sempre à disposição de seus mestres, efetuando seus comandos e imperativos.

Nesses entrelaces da narrativa, Sade revela-nos uma verdadeira pedagogia da libido e do próprio desejo. Aos olhos de Eugénie, tornamo-nos discípulos do mestre libertino. Somos, perante o texto, tão ingênuos quanto a própria jovem e, ao mesmo tempo, na medida que adentramos na narrativa, mais nos tornamos complacentes e curiosos. Na obra, *A Felicidade Libertina* (2015), a estudiosa do universo sadiano, Eliane Roberts Morais, discute acerca deste caráter pedagógico do Marques. Segundo a autora: “há vários exemplos do aprendizado do deboche na obra sadiana, dos quais o vivido pela jovem Eugénie de *La philosophie dans le bourdoir* talvez seja o mais representativo” (ROBERT, 2015). Destarte, lembremo-nos do próprio subtítulo da obra em análise, *A Filosofia na Alcova: ou preceptores imorais*, que reverbera mais uma vez o viés pedagógico da novela.

Na medida em que os arranjos, coloridos por Dolmancé, tomam forma, a jovem Eugénie demonstra ao leitor um gozo autêntico, um regozijo nos atos mais hediondos para a sociedade burguesa francesa. Este teatro, comandado pelo mestre libertino, deve ser confeccionado com perfeição, e, sem esse ditame, o prazer não poderá ser atingido. Esse itinerário acentua uma característica da relação inicial da criança, polimorficamente perversa, com um sedutor perverso descrito por Freud (1905), nos *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*. Apesar dos atos orquestrados por Dolmance e Sant-Ange desenvolverem as atitudes luxuriosas de Eugénie, será necessariamente pela *filosofia libertina* que a jovem se desvinculará, categoricamente, das prerrogativas da moral. Faz-se necessário elencar pontos-chaves que vislumbram esse divórcio moralístico.

No discurso filosófico de Dolmance, encontramos, necessariamente, uma negação das virtudes elencadas pela sociedade, uma negação dogmática de nunca fazer o bem. Todavia, o libertino precisa vestir véus para adentrar na alcova, a fim de que suas práticas continuem reverberando nos urros e blasfêmias do gozo. O herói sadiano consagra seu pensamento a seguir: “Enquanto as leis continuarem sendo o que são, devemos usar certos véus; a opinião obriga-nos a isso. Mas compensem-nos, em silêncio, dessa cruel

castidade que somos forçadas a manter em público” (SADE, 1795, p.37). Neste mesmo discurso, Dolmancé fará uma alusão vital para o inevitável fim da narrativa. Ele nega incessantemente os valores imbuídos pela mãe, e tudo o que ela representa. Vejamos sua colocação:

O destino da mulher é ser como a loba e a cadela: pertencer a todos os que a desejarem. É visivelmente ultrajar a destinação que a natureza impôs às mulheres, atando-as pelo laço absurdo de um himeneu solitário [...]. Portanto, Eugénie, parte da legitimidade desses princípios, e quebra os teus grilhões a qualquer custo que seja; despreza os conselhos vãos de uma mãe imbecil, a quem, legitimamente, só deves ódio e desprezo. [...] Muitas filhas já agiram dessa forma. Numa palavra: fode e apenas fode; é para isso que estás no mundo. Não há limites aos teus prazeres senão os de tuas forças ou os de tuas vontades.” (SADE, 1795, p.37).

Analisando as considerações acima, podemos inferir que o Marquês atribui à mãe o estatuto de geradora, um arquétipo para a própria vida. O filósofo francês Georges Bataille (1996) afirma que, para Sade: “a vida era, se acreditarmos nele, a procura do prazer; e o prazer era proporcional à destruição da vida [...] numa monstruosa negação de seu princípio.” (BATAILLE, 1996). Dessa forma, o estatuto da mãe torna-se um estigma maldito para a filosofia libertina, representando, além de sua capacidade de criação biológica, um discurso social e moral, que define, para a mulher, um destino de castidade. Destarte, faz-se necessário ressaltar a figura paterna de Eugénie, já que este é descrito como um libertino. Podemos inferir, portanto, um terceiro estatuto para essa mãe estigmatizada. Ela exercerá, para Eugénie, a figura castradora. Discutido pelo próprio Dolmance, a mãe será a culpada em retirar da criança seu estado de natureza. O libertino elucida as práticas primevas da criança: “[...] a crueldade é o primeiro sentimento que a natureza nos imprime. A criança destrói seu brinquedo, morde a teta de sua ama de leite, estrangula seu passarinho, muito antes de atingir a idade da razão.” (SADE, 1795, p.63)

Ao nos depararmos com os arranjos sexuais que a aluna e os professores confeccionam, observamos os avanços de Eugénie, rejeitando sua educação primeva inculcada pela mãe. Ela adentra e abraça a alcunha de libertina¹⁵. Caso essa pedagogia da putrefação moral não tivesse sido plena, os atos que antecedem o fim da obra não se sucederiam. O ápice dos atos lúbricos do grupo culmina na chegada da mãe de Eugénie, a Senhora de Mistival, na alcova. Todos serão os seus algozes. Após o discurso lúbrico

¹⁵ “EUGÉNIE - Como me persuades, meu anjo! Como triunfas sobre os meus preconceitos! Como aniquilas todos os falsos princípios inculcados por minha mãe.” (Ibid, p.43)

de Dolmance, os libertinos investem contra Mistival, e Eugénie, armada de um consolo, estupra a própria mãe, configurando o ápice de sua educação na alcova. A descrição do ato segue abaixo:

“EUGÉNIE - Vinde, minha linda mamãe, vinde, que serei vosso marido. É um pouco maior que o dele, não é, querida? Não importa, vai entrar... Ah, tu gritas, minha mãe, tu gritas quando tua filha te fode!?!... E tu, Dolmancé, ainda me enrabas?... Sou ao mesmo tempo incestuosa, adúltera, sodomita, tudo isso numa garota que só foi deflorada hoje!... Quantos progressos, meus amigos!... com que rapidez percorri a estrada espinhosa do vício!... Oh, sou uma moça perdida!... Por acaso estás gozando, minha doce mãe? Dolmancé, vê seus olhos!... Não é evidente que ela está gozando?... Ah, cadela! Vou te ensinar a ser libertina!” (SADE, 1795)

Ainda insatisfeitos, Eugenie e seus mestres, usam de um criado de Sant-Ange que está com sífilis e determinam a ele que estupe mais uma vez a senhora de Mistival, durante o ato. Eugénie irá costurar, com linha e agulha, os órgãos genitais de sua mãe, afim de que ela nunca possa gerar novamente, e se infeccione permanentemente com a doença. O suplício é visto a seguir: “EUGÉNIE, picando de vez em quando os lábios da boceta, no interior e também no ventre e no grelo. - Isso não é nada, mamãe; só estou experimentando a agulha.” (Ibid, p.143). Nesse instante vislumbramos o fim da jornada de Eugénie. Após sua educação filosófica, aceitou de bom grado o acorrentamento de Eros e a negação intermitente da vida, já que não poupou a representação máxima dos limites, a própria figura materna. Dessa forma, Eugénie quebra, sem piedade, a alteridade do outro; ela nega a própria vida, materializada pela Senhora de Mistival. Assim, a jovem realizara um ato perverso.

Considerações Finais

Vimos, pelos olhos de Eugénie, a instituição plena da filosofia libertina. A jovem fora capaz de andar sobre a estrada tortuosa e espinhenta dos vícios, consagrando-se como a aluna-mor do universo sadiano. Esse título é concedido a personagem de *Filosofia na Alcova* já que esta avança nos limites impostos pela moral, numa jornada orgástica, que implica no trágico fim de uma mãe e no sorriso lúbrico dos libertinos. Assim Dolmancé clama nas últimas linhas da obra: “Eis uma boa jornada! Nunca como tão bem, nunca durmo melhor na santa paz de deus do que quando me sujo o bastante, durante o dia, com aquilo que os tolos chamam de crimes.” (Ibidi, p.153)

Vale ressaltar que, antes da aparição da Senhora de Mistival na alcova, o grupo libertino estava se relacionando, sexualmente, com atos concedidos. Apesar de serem tachados como “violentos” e imorais aos olhos da cultura, dizem, na verdade de relações genuinamente humanas. Configurando a manifestação autêntica da pulsão de morte nos atos sexuais, e no triunfo pleno de Thanatos. Eros e a criação, bem como suas manifestações, fora negado e execrado nas páginas genuínas do grande escritor da filosofia libertina francesa. Por isso, a classificação dos personagens em “perversos” nos limitaria à compreensão da manifestação autêntica da pulsão de morte, na verdade, buscamos a própria essência dilaceradora da sexualidade humana. Portanto, nesta pesquisa, buscamos analisar, na obra do Marquês, a manifestação dessa pulsão inerente à psique humana.

Referências

- BATAILLE, Georges, 1957 – *O Erotismo*; 2014 tradução de Fernando Scheibe – Belo Horizonte: Autêntica.
- BELLEMIN-NOEL, Jean. *Psicanálise e Literatura*. São Paulo: Editora Cultrix, 1981.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: A vontade de saber*. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- FREUD, Sigmund. *História de uma Neurose Infantil ("O Homem dos Lobos")*, Além do Princípio do Prazer e outros Textos. Companhia das Letras, 2010.
- MCDUGALL, Joyce. *As múltiplas Faces de Eros*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- MORAIS, Eliane Robert, 2015 – *Sade: a felicidade libertina*. – 2.ed. – São Paulo: Iluminuras.
- SADE, Marquês, 1795 - *A filosofia na alcova, ou, Os preceptores imorais*; São Paulo: Iluminuras, 1999. – 4. Reimp. 2012 — (Coleção Pérolas furiosas / dirigida por Contador Borges).